

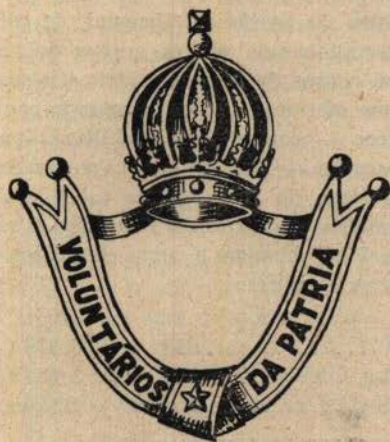
CARIOCAS NA GUERRA DO PARAGUAI

Ten-Cel WALTER DOS SANTOS MEYER
Oficial de Estado-Maior

— Trabalho realizado para o 3º Caderno do
“Jornal do Brasil”, do IV Centenário,
“400 Anos Memoráveis”, de 17 Mar 65

No ano de 1865 em que a “mui leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro” completava seu terceiro centenário, viu-se ela, como tôdas as demais do Brasil e províncias, ante uma situação de que não havia memória na história cidadina — a mobilização em larga escala para a guerra.

As causas dêsse recrutamento provinham do tratamento, dado aos súditos brasileiros radicados na “República Oriental do Uruguai”. As disputas caudilhescas internas, de longa data existentes, haviam chegado ao auge no ano anterior — 1864. A busca diplomática de uma solução levava ao rompimento de relações com o Uruguai e à interferência de López. Daí à guerra não medeou um passo. A ação da esquadra em Salto, a tomada de Paissandu a 2 de janeiro de 1865 e a capitulação de Montevidéu a 20 de fevereiro



dêste ano foram primórdios da “Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai” da qual o Brasil arrostou a maior parte dos encargos, e somente devido à marcialidade de seus chefes, dedicação de seus filhos e contribuição de todo o país pôde ser levada a têrmo, através sacrifícios imensos, com êxito pleno.

A frase do ministro brasileiro em Assunção, escrita em Buenos Aires — “Tenho a firme convicção de que o Brasil inteiro se erguerá para lavar essa afronta” — não foi profecia mas sim a certeza da ação e conduta do país.

E a cidade do Rio de Janeiro a ela respondeu imediatamente, contribuindo com suas unidades de linha aqui sediadas, com seus cidadãos

como voluntários e com sua mão-de-obra num esforço sem par e, proporcionalmente, várias vezes maior que o da nação em conjunto.

O efetivo do Exército Brasileiro para 1864 era tão-somente de 2.097 oficiais e 16.824 praças. daquelas só existiam 1.733 dos quais 1.342 prontos. Na Côte, isto é, no Município Neutro, estacionavam 2.642 homens distribuídos em várias unidades. Na discussão do efetivo para 1865 chegou-se a fixar 1.826 oficiais e 17.607 praças. Entre as vezes que se levantavam contra o aumento de efetivos foi das mais veementes a do Cel Carneiro de Campos — apesar de militar, e que, por ironia do destino, foi a primeira vítima de López ao ser aprisionado a 12 de novembro de 1864 o navio *Marquês de Olinda* que o conduzia a Mato Grosso para assumir o governo da Província.

Além de reduzido o efetivo não havia serviço militar obrigatório, logo não existiam reservas regulares; tudo se fazia pelo voluntariado e pelo recrutamento. A Guarda Nacional proporcionava um contingente precioso de combatentes, “embora sem quase nenhuma preparação militar”.

Apesar do agravamento progressivo da tensão no Uruguai, de certo modo foi o governo imperial surpreendido pela guerra e teve de “improvisar tudo na última hora”. Até os corpos de linha da Côte “estavam reduzidos a menos de metade de seus efetivos”. Ao se comparar o efetivo de 1864 — quase 19.000 homens — com o total mobilizado para a guerra nos seus cinco anos de duração — 132.000 — é que melhor se percebe quão irrisória era nossa fôrça de terra. Dêsse total levado pelo Exército para os campos de batalha do sul e do Paraguai saíram do Rio, das tropas de linha, cêrca de 2.000 homens e como elementos de reserva 11.467 homens. Estes assim se dividiam:

— Voluntários da Pátria	6.234
— Guardas Nacionais designados	1.851
— Voluntários e recrutas	1.170
— Substitutos	16
— Libertos da Nação	274
— Libertos da Casa Imperial	67
— Libertos pelos Conventos	27
— Libertos por particulares	630
— Libertos pelo Governo	960
— Substitutos (libertos)	238
	<hr/>
	11.467

Somado aos homens de linha perfaz quase 13.500 ou 10% do total mobilizado que saiu do Rio, isto é, a cidade do Rio de Janeiro contribuiu com 1 entre cada 10 brasileiros que combateram na Guerra do Paraguai. Esforço ímpar e extraordinário, somente ultrapassado pela Bahia

(15.227 homens) e pelo Rio Grande do Sul que deu praticamente 25% das tropas mobilizadas.

Em relação à sua população também foi mui significativo o número. Comparemos aos dados do recenseamento de 1870 — “o mais perfeito dentre todos que se realizaram na Côte...” Para o total de 235.381 habitantes a proporção é de quase 6% enquanto que para o total de homens (133.320) é de 10%. Esses valores crescem bastante se descontarmos os estrangeiros — cerca de um terço (78.676) — o que reduz o número total de brasileiros a 156.705 e o de varões a quase 90.000. Para o total de brasileiros residentes no Rio e na sua grande maioria cariocas o esforço foi de 9% e para o total de varões brasileiros foi de 15%. São valores que consagram o Rio no recrutamento para a guerra e talvez não iguallados nem mesmo pelo Rio Grande do Sul. Melhor se os aprecia quando se os mede com o esforço demográfico de todo o Brasil — 1,5%.

Porém não só em homens, como números, contribuiu a “Côte”. Sendo aqui a sede do Governo imperial, também aqui se achavam concentradas grandes instalações militares onde a mão-de-obra carioca muito fez para que, em distantes plagas, a guerra fôsse vitoriosa. Do Exército havia o Arsenal de Guerra, a Fábrica de Armas da Conceição, o Laboratório Pirotécnico do Campinho. Da Armada destacava-se o Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro. As instalações do Exército trabalharam desusadamente para que não faltassem o armamento, as munições, o equipamento, o fardamento, o material de acampamento e tudo o mais. O Relatório de 1865 do Ministro da Guerra, Visconde de Camamu, consigna, ao referir-se ao Arsenal de Guerra: “Extraordinário tem sido o trabalho (...) e o zelo e dedicação dos empregados do Arsenal de Guerra tem vencido o que talvez parecesse superior às forças das oficinas...” E até nas casas de família e organizações civis se trabalhou. Ainda o mesmo relatório inclui: “No mercado nem sempre se encontra a necessária matéria-prima, e de braços temos escassez. Para suprir esta última falta tem-se distribuído por particulares, casa de detenção e de caridade, costuras e outros trabalhos em que podem auxiliar o Arsenal.”

O Arsenal chegou a fabricar artilharia de bronze, atingindo o total de 42 peças raiadas *La Hitte* durante a guerra. Também fundiu morteiros do mesmo metal.

A Fábrica de Armas da Conceição cresceu de produção. Se em 1867 preparou cerca de 13.000 carabinas e espingardas a *Minié*, em 1868 preparava 20.000 por mês.

Não deixam de ser contribuições cariocas à guerra, pois a mão-de-obra era daqui, se não tôda, pelo menos em grande parte. Há um século não vinha de cidades satélites como hoje.

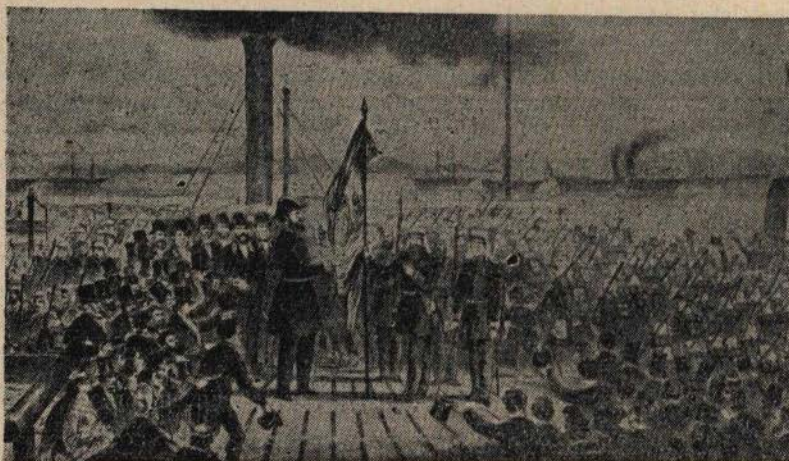
Também no Arsenal de Marinha essa mesma mão-de-obra afanou-se em construir embarcações e tudo o mais necessário à Armada. Disse o Visconde de Ouro Preto: “Não fôra o esforço extremo com que, desde os chefes de serviço até o menos graduado operário, porfiaram todos

no desagravo da honra nacional e seguramente não se poderia, a contar de 31 de janeiro de 1865 até 8 de maio de 1868, não só levar a efeito importantes reparações nos cascos, máquinas e acessórios dos navios existentes e a conclusão de construções já encetadas senão também começar e terminar as de três encouraçados (*Tamandaré, Barroso e Rio de Janeiro*), cinco monitores (*Pará, Rio Grande, Alagoas, Piauí e Ceará*) e duas bombardeiras (*Pedro Afonso e Forte de Coimbra*), lançar as quilhas e adiantar a execução de mais uma corveta encouraçada e de um rebocador. Um dos encouraçados caiu ao mar em menos de cinco meses, as bombardeiras flutuaram em pouco mais de três e um dos monitores ao cabo de cinco meses e alguns dias.”

Os cariocas que no Rio permaneceram muito contribuíram, pois, para a vitória na guerra.

Para fazer face às primeiras brisas da guerra fêz o govêrno seguir de imediato para o Uruguai ou o Rio Grande do Sul as tropas de linha dos corpos móveis de então. Aquartelavam na “Côrte” as seguintes unidades:

- 1º Batalhão de Fuzileiros
- 1º Batalhão de Artilharia a Pé
- Batalhão de Depósito
- Corpo de Artífices da Côrte
- 1º Regimento de Cavalaria Ligeira
- Batalhão de Engenheiros da Côrte.



EMBARQUE DE VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA — A gravura representa o embarque do contingente da Guarda Nacional da Côrte, sob o comando do Tenente-Coronel Francisco Leão Cohn

Com exceção do 1º Regimento de Cavalaria Ligeira que ficou de guarda ao Imperador, todos os demais seguiram para o teatro de guerra, por partes uns, de uma só vez outros, porém com os efetivos do mo-

mento que, posteriormente, foram sendo elevados. Para essa elevação recorreu o governo de pronto e fundamente à Guarda Nacional, malgrado seu despreparo militar, e aos Corpos de Polícia. Praticamente até o fim do primeiro trimestre de 1865 essas unidades cariocas já se encontravam no sul.

A fim de atingir o efetivo indispensável para fazer a guerra o Governo baixou o célebre Decreto n. 3.371, de 7 de janeiro de 1865, pelo qual "Cria Corpos para o serviço de guerra em circunstâncias extraordinárias com a denominação de — *Voluntários da Pátria* — estabelece as condições e fixa as vantagens que lhes fica competindo". Para a Côrte e Província do Rio de Janeiro o prazo de apresentação para usufruir das vantagens do decreto foi fixado em sessenta dias, o menor dêles. Os cariocas responderam imediatamente e antes de decorrido o prazo os 1º e 2º Batalhões de Voluntários da Pátria estavam organizados. Diz ainda o Visconde de Camamu em seu relatório citado: "... E à vista de semelhante entusiasmo, suspendeu-se o recrutamento na Côrte..."

Para melhor se aquilatar da rapidez com que seguiram para o sul as unidades do Rio de Janeiro observemos a cronologia seguinte, de acôrdo com Jourdan:

26 Dez 864 — chegam a Fray Bentos, Uruguai, as tropas: Contingente do Batalhão de Engenheiros; alunos da Escola Militar; 1º Batalhão de Artilharia a Pé e 1º Batalhão de Infantaria.

18 Fev 865 — chega um Contingente de 305 homens da Guarda Nacional do Rio de Janeiro.

28 Fev 865 — chegam a Montevidéu 389 homens do Corpo de Polícia do Rio de Janeiro e um segundo Contingente do Batalhão de Engenheiros.

4 Mar 865 — ainda em Montevidéu aportam Contingente do Batalhão de Depósito, outro do Corpo de Polícia e outro da Guarda Nacional.

19 Mar 865 — parte o 2º Batalhão de Voluntários da Pátria, chegando ao Sul no fim do mês.

22 Mar 865 — parte o 1º Batalhão de Voluntários da Pátria (793 homens).

9 Abr 865 — parte o 4º Batalhão de Voluntários da Pátria e chega a 20.

4 Jun 865 — parte o restante do Batalhão de Engenheiros.

Em diferentes datas de 1865 partem os 9º, 31º e 32º Batalhões de Voluntários da Pátria e o 38º chega ao Sul em Fev 866. Conclui-se, portanto, que tôda a contribuição em homens da Côrte estava no teatro de operações até fevereiro de 1866. Os Batalhões de Voluntários da Pátria acima enumerados foram os organizados na cidade do Rio de Janeiro que deu, assim, sete — 1º, 2º, 4º, 9º, 31º, 32º e 38º — dos 55 organizados para a guerra, ou um entre cada oito.

É digno de realce a rapidez de mobilização dos 1º e 2º Batalhões de Voluntários da Pátria nesta cidade. Publicado o decreto de criação dessas unidades a 7 de janeiro, já a 19 e 22 de março partiam o 2º e o 1º Batalhões para a guerra!

Como se portaram essas unidades cariocas — por que não batizá-las assim? — na guerra? Bem. Muito bem mesmo. Se algumas vezes tiveram um ou outro insucesso, as glórias e galardões do sucesso são muito mais freqüentes, numerosos e dignificantes quando se analisa e compara suas atuações ante o inimigo.

As unidades de linha (ativa) fazem tôda a guerra, indo desde a Campanha do Uruguai até meados de 1870, quando regressam ao Brasil. As de Voluntários da Pátria desde que chegam ao local da luta até seu término, com exceção dos 32º e 38º Batalhões que, em 23 Dez 868, por ordem de Caxias, são dissolvidos, sendo seus homens distribuídos por outras unidades.

O 1º Batalhão de Infantaria que tem homens seus atacando em acelerado em Paissandu, toma parte em "raid" a Corrientes, faz o serviço de postos avançados no Passo da Pátria, e na Batalha de Tuiuti contra-ataca sofrendo pesadas perdas. Na marcha de aproximação para *Tayí* carrega a baioneta em "marche-marche". Atua no Chaco. Por três vezes avança sôbre a ponte de Itororó e apesar das perdas ainda está no campo de batalha em Avaí e Lomas Valentinas. Em 869 ataca Peribeubí e logo depois combate na batalha de Campo Grande. Em maio de 1870 é repatriado, chegando à Côte a 9 Jun. "Foi a primeira unidade que volveu à capital do Império depois da Guerra". E merecidamente, acrescentemos.

O 1º Batalhão de Artilharia a Pé também faz tôda a campanha. Está em Paissandu, no "raid" a Corrientes, nas duas batalhas de Tuiuti, passa por Humaitá onde recebe ordem de Caxias de seguir para o norte "armado como infantaria". Elementos seus tomam parte na Campanha das Cordilheiras. A 3 Agô 870 parte de Montevidéu com destino ao Rio, de regresso.

Também o Batalhão de Engenheiros faz integralmente a campanha. Seus serviços foram de valia imensurável nos trabalhos de organização do terreno, levantamento de mapas e fortificações. No combate da Ilha da Redenção perde Vilagran Cabrita que viria a se tornar o Patrono da Arma de Engenharja.

O 1º de Voluntários da Pátria em Mai 865 está nas Missões e toma parte na ação do passo do Butuí onde sofre perdas. Está no sítio de Uruguaiana. Auxilia a vanguarda no *Estero Bellaco* e combate em Tuiuti e no Potreiro Pires. Luta sangrentamente em *Punta Naró*. Atua na Desembarada.

O 2º de Voluntários da Pátria depois de ir para o Rio Grande do Sul tem duas de suas companhias apoiando o desembarque de Osório no

Passo da Pátria e logo depois combate na Batalha de Tuiuti. Ajuda a consolidar a conquista da trincheira de *Punta Naró*. Prossegue em ação até 1870.

Osório escolhe o 4º de Voluntários da Pátria para reforçar a tropa que sitia Uruguaiana. Recebe, na ocasião, do Conde d'Eu o seguinte elogio: "É um dos mais belos batalhões de Voluntários que tenho visto". Atua em Tuiuti. Reforça a conquista de *Punta Naró*. Está na Desembrada.

O 9º de Voluntários também combate em Tuiuti e *Punta Naró*. Está nas ações fundamentais de Itororó, Avaí e Lomas Valentinas. E depois ainda continua em ação.

O 31º de Voluntários, formado do ex-Corpo Policial do Rio de Janeiro, em Jul 865 está nas Missões. Destaca-se em Tuiuti, sendo empregado sob comando direto de Osório. Forma o primeiro escalão de ataque à trincheira de *Punta Naró*, lutando durante 16 horas em sangrentos combates, falecendo seu Comandante no Campo de luta — Cel Machado da Costa. Atua no Chaco. Toma parte na Desembrada. Em Agº 869 era um dos onze batalhões de Voluntários que ainda compunham o Exército brasileiro. Em Fev 870 está com Câmara nas ações finais da campanha. A 29 Mai 870 desfilava no Rio de Janeiro de regresso da campanha.

O 32º de Voluntários ataca em primeiro escalão em Curupaiti. Sofre perdas severas apesar de conquistar a primeira trincheira, porém sucumbe seu comandante. Toma parte no ataque à posição de Rojas, na linha de Sauce. Combate na lagoa Verá. Atua em Avaí e Lomas Valentinas e nesta batalha faz o primeiro escalão de ataque, sofrendo durante a noite quatro contra-ataques. Em 23 Dez 868 é dissolvido devido ao diminuto efetivo decorrente das pesadas perdas que sofrera.

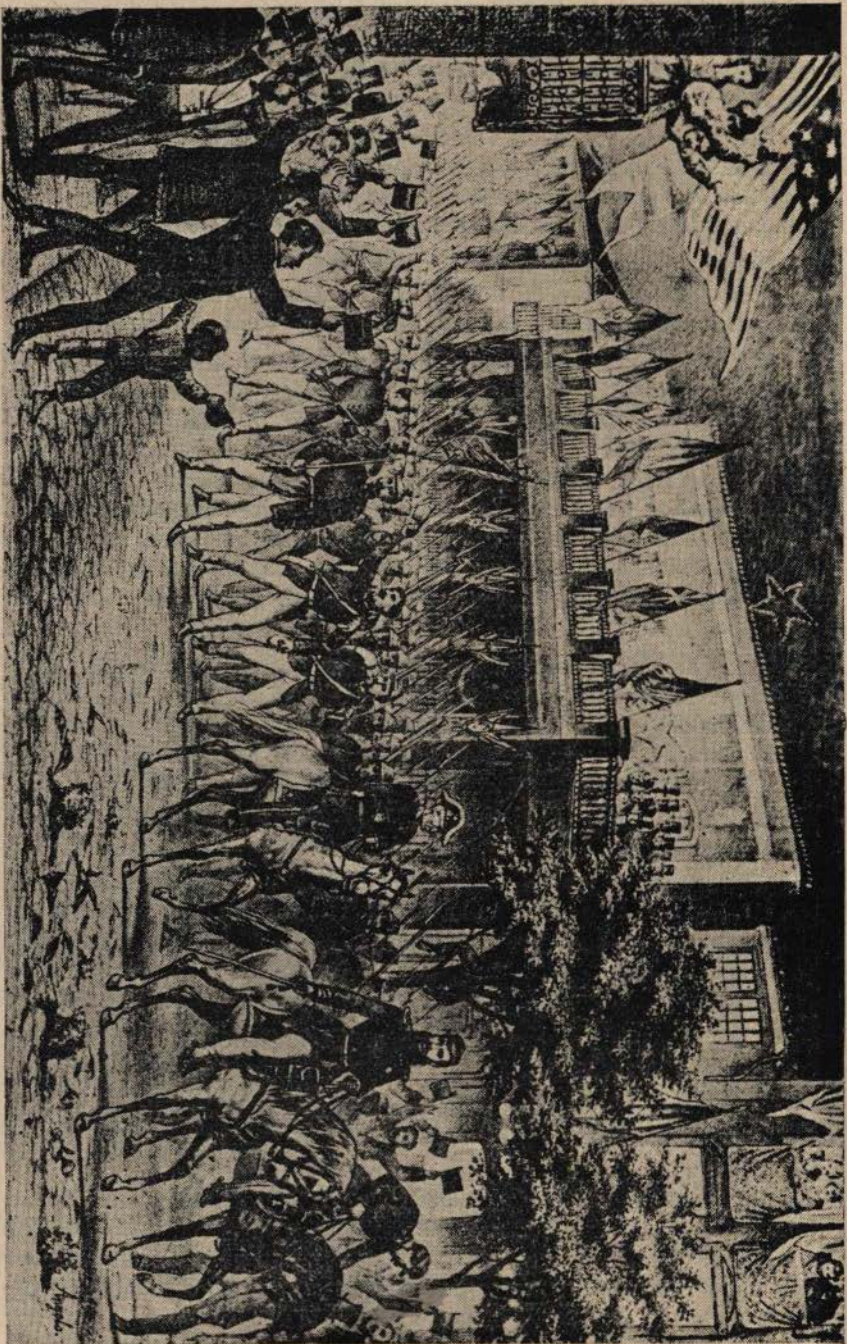
Finalmente, o 38º de Voluntários integra a vanguarda de Flôres, combate em *Esterio Bellaco* e está presente na batalha de Tuiuti. Ataca Humaitá sofrendo perdas severas, inclusive tendo seu comandante sido ferido. Estêve no Chaco. Junto com o 32º atuou no primeiro escalão no ataque a Pykysyry. A 23 Dez 868 é dissolvido pelas mesmas razões do 32º.

E o carioca, como homem, como indivíduo isolado, como soldado, qual sua conduta?

O carioca não deixou a desejar em conduta militar e, conseqüentemente, também vários deles se distinguiram e deixaram seu nome à posteridade.

Sem dúvida o mais destacado ato de bravura de um carioca é o do Guarda-Marinha João Guilherme Greenhalgh, que defende até a morte a Bandeira brasileira içada na corveta Parnaíba e que chegara a ser arriada por um oficial inimigo. Sucumbe na batalha do Riachuelo quando faltavam quinze dias para completar 20 anos!

Há mais seis cariocas que pertencendo ao Corpo da Armada muito se distinguiram. O 1º Ten Antônio Carlos de Mariz e Barros que se



ENTRADA TRIUNFAL DOS "VOLUNTARIOS DA PÁTRIA" NA TARDE DE 28 DE FEVEREIRO DE 1870

destacara no assédio e capitulação de Paissandu, falece em combate a 25 Mar 866 quando no comando do encouraçado *Tamandaré*, o qual explode atingido por uma bala inimiga. O Alm Delfim Carlos de Carvalho que tomou parte em tôda a guerra mas que pelo seu brilhante feito de forçar Humaitá foi agraciado com o título de Barão da Passagem. Iniciando a guerra no pôsto de 1º Tenente terminou-a como Chefe de Esquadra a que atingiu em 2 Mai 868. O Alm José`Cândido Guillobel "tomou parte saliente na Guerra do Paraguai, por mais de quatro anos, figurando no ataque a Corrientes (...) na Batalha do Riachuelo, nas passagens de Mercedes e Cuevas, no ataque às baterias de Curuzu e às de Curupaity". Forçou o passo de Angostura, sendo ferido. O Alm João Mendes Salgado, Barão de Corumbá, sobressaiu-se em Itapiru, Curupaity, Humaitá e Angostura. Durante a guerra ascendeu de 1º Tenente a Capitão-de-Mar-e-Guerra (2 Dez 869). O Alm Júlio César de Noronha como 2º Tenente recebeu seu batismo de fogo na Campanha do Uruguai. "Distinguuiu-se sempre pela excepcional conduta em combate". Estêve em Riachuelo, Mercedes e Cuevas. Foi agraciado com a Medalha do Mérito com três passadores por atos de bravura. O Alm José da Costa Azevedo, Barão de Ladário, distinguuiu-se especialmente em Angostura.

Do Exército, dois cariocas tiveram seus nomes guardados pela História por sua atuação na Retirada da Laguna. O primeiro é o Ten-Cel Carlos de Moraes Camisão, comandante da coluna e que sucumbiu na árdua e heróica manobra em retirada. O segundo, que dela se salvou após ser seu escriba foi também seu historiador, legando obra ímpar nas letras brasileiras — Ten Alfredo d'Escragnolle Taunay, Visconde de Taunay. Ainda podem ser lembrados os cariocas Ten-Cel João de Souza da Fonseca Costa, mais tarde Brigadeiro e que foi o Chefe do Estado-Maior de Caxias; o então Maj e Ten-Cel Conrado Maria da Silva Bittencourt por sua atuação destacada no comando do Batalhão de Engenheiros; o Ten, Cap e Maj Ernesto Augusto da Cunha Matos, do célebre 1º Regimento de Artilharia a Cavallo sob comando de Mallet e de tão destacado desempenho na Batalha de Tuiuti a 24 Mai 866. Feito prisioneiro a 3 Nov 867, na 2ª Batalha de Tuiuti, foi libertado após a vitória de Itá-Ibaté. Escreveu sôbre seu regimento em Tuiuti e comentou obras militares, tendo atingido o generalato; o depois Mar Conrado Jacob Niemeyer, engenheiro destacado que Caxias solicitava retornasse ao campo da luta tão logo se restabelesse da doença que o obrigara a voltar à Côrte; finalmente o Gen Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão que substituiu Osório no comando do 1º C Ex após Tuiuti e dirige nossas tropas em *Curupaity*. Retornando ao Brasil só regressa ao teatro de operações convidado pelo Conde d'Eu, onde assume o comando do 2º Corpo de Exército. Foi agraciado com o título de Visconde de Santa Tereza.

Dezoito dias após a última e terminal ação de guerra — Cerro Corá — chegavam ao Rio os dois primeiros Batalhões de Voluntários da Pátria,

o 23º e o 30º, ambos não formados na cidade. Assim descreve o Gen Tasso Fragoso a recepção:

“No dia 21, o Imperador passou-lhes revista no Arsenal de Marinha, onde êles o esperaram formados. Dirigindo-se aos comandantes disse-lhes o monarca:

Senhores comandantes dos batalhões de Voluntários da Pátria:

Aceitai êste abraço para vós e vossos camaradas, em sinal de júbilo que transborda de todos os corações.

Vosso heróico esforço acaba de receber de Deus a recompensa.

Tornai-vos sempre dignos dela, servindo a nossa Pátria na paz tanto quanto a servistes na guerra.

Vivam os Voluntários da Pátria!

Viva o Exército e a Armada!

Depois os dois corpos saíram do Arsenal e desfilaram pelas ruas da cidade, tendo à sua frente o General Caldwell, ajudante-general do exército. O povo, delirante de entusiasmo, aclamava-os em sua passagem e por vêzes cobria-os de flôres.

A partir daí, cerimônias idênticas ocorreram, quer na Côte, quer nas províncias, com os outros corpos que vinham chegando do exterior. Por tôda a parte o povo brasileiro timbrou em testemunhar a sua solidariedade e gratidão aos soldados que haviam defendido a honra e a integridade da Pátria.

